



Para Elas

por elas, por eles, por nós

NARRATIVAS E ALTERNATIVAS NAS RODAS DO COTIDIANO

Marcela de Queiroz Teófilo^{1*}, Marina Assis Fonseca², Elza Machado de Melo³

¹Mestra em Educação (FaE/UFMG)

²Profa. Orientadora (FaE/UFMG)

³Profa. Coordenadora do “Projeto Para Elas: por elas, por eles, por nós” (UFMG)

*marcela-qt@hotmail.com

PROMESTRE
MESTRADO PROFISSIONAL
EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA

FaE
Faculdade de Educação

SEMINÁRIO VIVÊNCIAS E EVIDÊNCIAS: A LUTA CONTRA A VIOLÊNCIA Faculdade de Medicina (UFMG)

INTRODUÇÃO

Narrativas (auto)biográficas permeiam os convívios em instituições. Dentre papéis sociais diversos e ante a revelação de histórias de vida, a violência é um fenômeno multifacetado que se manifesta. Isto justifica o progressivo alargamento das rodas de conversa do “**Para Elas: por elas, por eles, por nós**” (Núcleo Saúde e Paz/UFMG). Nelas, mulheres se encontram e criam redes solidárias, enquanto buscam suporte para lidarem com as repercussões das múltiplas violências experimentadas em suas trajetórias. Quando o assunto é prevenir revitimizações futuras, a vulnerabilidade é um fator que desafia fortemente. Tal desafio abriu para uma usuária/colaboradora do Ambulatório “Para Elas” importantes horizontes de apropriação. As próximas linhas contam sobre os movimentos empreendidos pela então mestrande em Educação (FaE/UFMG) para extrair, justamente da própria condição de vulnerável, alternativas para o fortalecimento e a ressignificação de sua caminhada.

METODOLOGIA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A interlocução com as bases teóricas, metodológicas e práticas desenvolvidas no Mestrado Profissional em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência (Faculdade de Medicina/UFMG) prestou importantes contribuições à pesquisa “**Podcasts no Museu do Cotidiano: um estudo sobre conteúdos sonoros e diálogos abertos**”. Notadamente, por meio das ideias de Paulo Freire e de Habermas. Entre 2017 e 2019, a perspectiva de uma Epistemologia Qualitativa e a linguagem poética se tornaram vias para refletir com diferentes sujeitos sobre temas como: opressão, “fala”, “agir comunicativo”, autonomia, Educomunicação, Educação em Museus e narrativas (auto)biográficas tecidas pelas pessoas na formação/ transformação do “Mundo da Vida”.

REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Violência e situação de risco comprometem a expressão subjetiva. O pleno exercício da “fala” e o desbloqueio para o diálogo demandam curas e curadorias. Curas porque corpo e psique violentados identificam perigos na liberdade de expressão. E curadorias, pois o desafio é garimpar na vulnerabilidade aquelas características importantes para a (re)conquista da autonomia. Ambientes favoráveis são fundamentais para a libertação do simples som, quer dizer, para simplesmente contar histórias de si com a própria voz e chegar a superar até mesmo dores outrora ignoradas. Nessa linha, Antônio Carlos Figueiredo conclama, junto de seus mais de cem mil objetos do cotidiano, vozes preñes de histórias de pessoas. Como “Objeteiro”, ele mesmo precisou ultrapassar as barreiras do rótulo de “acumulador” e se lançar na ruptura de vários paradigmas. O caso típico de um sujeito que ousa criar redes de apoio, as quais renderam o lugar recentemente ocupado pelo mUc no expressivo Circuito da Liberdade, em Belo Horizonte (MG). Ao se encontrarem num estudo acadêmico, e numa experiência de curas e curadorias, os universos do mUc e do “Para Elas”, dão-se as mãos, unem suas vozes em registros sonoros, saberes, olhares e contribuições. E assim, no mesmo horizonte, Educação, Cultura, Saúde, homens, jovens, crianças e mulheres cumprem a paz de seus papéis na prevenção da violência.

REFERÊNCIAS

MELO, Elza Machado. **Podemos prevenir a Violência**. 1ª. ed. Brasília: OPAS, 2010. 252p.

OLIVEIRA, Simone Vinhas de; Carolina Vieira Ribeiro de Assis Bastos. **Ação comunicativa e ação dialógica: contribuições para a educação libertadora Aprender (Vitória da Conquista)**, v. 7, p. 119- 136, 2007.

PASSEGI, M.C.; SOUZA, E. C. . **Movimento (Auto)Biográfico no Brasil : Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. Investigacion Cualitativa no Campo Educacional. Investigacion Cualitativa**, v. 2, p. 6-26, 2017.